

A arte de dar vida ao passado

Saiba como o Museu de Ciências Naturais PUC Minas produz as réplicas dos fósseis colocados em exposição

Fernando Ávila

A auxiliar de enfermagem Idevanir Lourdes Rodrigues, de 39 anos, moradora do bairro Coração Eucarístico, região Noroeste de Belo Horizonte, entra pela primeira vez no Museu de Ciências Naturais PUC Minas. Ao se deparar com os dinossauros em exposição, ela pergunta a um dos monitores: “É uma réplica ou é de verdade?”. Mesmo sendo in-

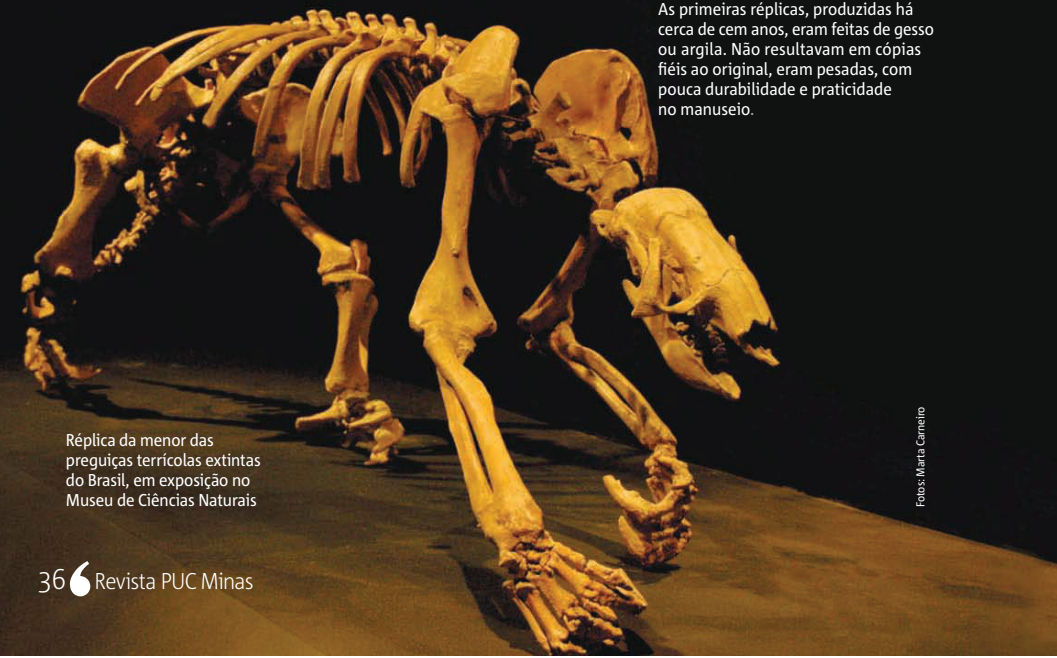
formada pelos dois filhos, que já visitaram o Museu, de que eram réplicas, ela parecia não acreditar no que via. Em decorrência da fidelidade das cópias em relação aos fósseis originais, essa é uma dúvida frequente entre os mais de 50 mil visitantes que passam pelo Museu todos os anos.

Com uma das principais coleções de mamíferos fósseis da América do Sul, além de acervo da fauna brasilei-

ra atual, com especial destaque para as espécies do cerrado, o Museu de Ciências Naturais da Universidade desenvolve todo o trabalho de produção das réplicas de fósseis de répteis, aves e mamíferos colocados em exposição. Além disso, realiza o trabalho de taxidermia, uma técnica de preservação da forma da pele, planos e tamanhos dos animais, este último desenvolvido a partir de uma parceria com a Fundação Zoobotânica de

Curiosidade

As primeiras réplicas, produzidas há cerca de cem anos, eram feitas de gesso ou argila. Não resultavam em cópias fiéis ao original, eram pesadas, com pouca durabilidade e praticidade no manuseio.



Réplica da menor das preguiças terrícolas extintas do Brasil, em exposição no Museu de Ciências Naturais

Fotos: Marta Carneiro

Belo Horizonte, autarquia vinculada à prefeitura da capital mineira, responsável pela administração do Jardim Zoológico.

“O trabalho de fazer as réplicas é minucioso, requer tempo, paciência e habilidade com as mãos”, conta o curador de Paleontologia do Museu, professor Cástor Cartelle, um dos orientadores do trabalho de produção das réplicas, juntamente com outros professores e quatro funcionários da Instituição. A técnica, explica ele, aprimorada ao longo dos anos, contribui para o desenvolvimento da ciência, pois permite a troca de materiais entre pesquisadores; e para a democratização do conhecimento, já que torna possível expor réplicas de animais originários de diversas partes do mundo. “As primeiras cópias, produzidas há cem anos, eram feitas de gesso ou argila. Não eram muito fiéis, eram pesadas e pouco práticas”, conta.

O professor Cartelle explica que as cópias podem ser feitas a partir dos fósseis originais ou de moldes de silicone já prontos, produzidos por quem detém as ossadas originais: “O molde é como um negativo da peça”, exemplifica o paleontólogo. Para que uma réplica esteja pronta, é necessário o cumprimento de pelo menos seis etapas, que vão desde a produção dos moldes até a pintura das peças, passando pela fase de preenchimento, acabamento e perfuração. Mas o trabalho não para por aí. Há ainda a etapa de montagem, na qual são utilizados materiais como ferro ou arame: “Para o visitante, não há diferença entre apreciar uma réplica ou a peça original”.

O Museu de Ciências Naturais possui atualmente, em exposição, 18 réplicas. De dez delas, os originais encontram-se guardados em seus laboratórios, segundo Cartelle, para preservação e pesquisa. Apesar disso, o pesquisador conta que, no Museu, ossadas originais podem ser apreciadas pelo público.

No entanto, ele salienta que esses materiais não sofrem perfuração, de modo a evitar agressão ao material original: “Sou contra a montagem de peças originais. Hoje em dia, temos a tecnologia que nos permite fazer cópias perfeitas”.

Admiração

Um dos que desenvolve esse trabalho é o funcionário Reginaldo Gomes, auxiliar de serviços gerais do Museu. Ao observar o resultado de seu trabalho, ele se diz admirado: “Sinto-me recompensado ao ouvir o elogio das pessoas, dizendo que a montagem é bela”. Há seis anos na função, ele conta que, de todas as etapas do trabalho, a que mais gosta é a de confecção dos moldes, que vão dar origem às peças, feitas de resina e fibra de vidro.

Novo dinossauro

Com 12 metros de comprimento e cerca de dois metros e meio de altura, a réplica de um dinossauro herbívoro (*Uberabatitan ribeiroi*), oriundo da região de Uberaba, no Triângulo Mineiro, está prevista para ser inaugurada, no Museu de Ciências Naturais PUC Minas, até o final de julho deste ano.

As cerca de 250 peças estão sendo produzidas a partir dos moldes enviados ao Museu pelo Centro de Pesquisas Paleontológicas Llewellyn Ivor Price, localizado em Uberaba. O trabalho, desenvolvido por quatro funcionários, teve início no final de novembro do ano passado.

“Essa descoberta, ocorrida há seis anos, é importante por ser um dinossauro de Minas. As pessoas geralmente não sabem que havia dinossauros aqui. É nosso papel mostrar as coisas boas que nós temos no Estado”, conta Cartelle, informando que a inauguração da réplica produzida na PUC Minas deve ocorrer antes mesmo que a de Uberaba, onde estão os originais. ■



Moldagem das peças

Acabamento

Perfuração

O processo de produção de réplicas:

- A partir do fóssil original, são feitos moldes de silicone, que funcionam como uma espécie de negativo da peça.
- As duas metades da peça são produzidas separadamente, com a utilização de materiais como resina e fibra de vidro ou gesso.
- Em seguida, as duas metades são unidas com cola, formando um único item da estrutura óssea.
- O interior da peça é preenchido com poliuretano, uma substância utilizada para conferir resistência ao material.
- Acabamento para correção das arestas.
- Perfuração para receber os arames e ferragens utilizados na montagem do esqueleto, quando necessário.
- Pintura e montagem das peças para exposição.